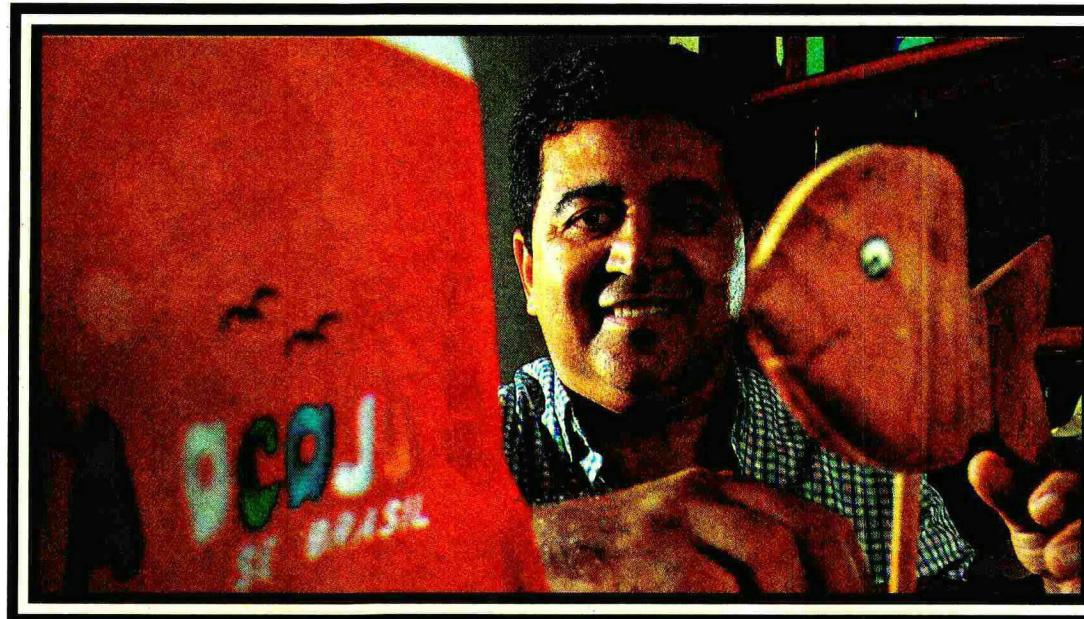


# UM SERGIPANO

**ADEMILTON FÉLIX** ACHAVA BRASÍLIA O FIM DO MUNDO QUANDO CHEGOU, EM 1972. HOJE, NEM PENSA EM VOLTAR

Minervino Júnior/Especial para o CB



5 MIL  
SERGIPANOS  
MORAM  
NO DF

ELISA TECLES

DA EQUIPE DO CORREIO

Nem a riqueza do rio São Francisco nem as festas regionais seguraram o economista Ademilton Pereira Félix, 54 anos, em Sergipe. A educação e a segurança disponíveis em Brasília deslumbraram a família de nordestinos na década de 70, quando decidiram se mudar. Os primeiros seis meses longe de Aracaju não foram fáceis: a altitude e a desconfiança dos cidadãos dificultaram a adaptação. Mais de 30 anos depois, os Pereira criaram raízes na nova capital e formaram uma colônia sergipana no cerrado.

A história de Ademilton começou em Aquidabá, cidade do interior, a cerca de 100km de Aracaju. Em 1972, o pai do economista recebeu a notícia de que

seria transferido para cá. A primeira reação da família foi de resistência. "Achávamos que Brasília era o fim do mundo, isolada de tudo. Sentíamos muita falta de ir à praia", lembrou. Chegando aqui, eles foram morar em Taguatinga — eram 14 pessoas na casa, o pai, a mãe e os 12 irmãos.

O economista não encontrou muitos conterrâneos e aprendeu a conviver com pessoas de outros estados, com sotaques e hábitos diferentes. A saudade de casa é um problema que ele tenta contornar mantendo o contato com parentes e visitando o estado. "Acho que sou o sergipano que mais gosta de lá".

"ACHÁVAMOS  
BRASÍLIA ISOLADA  
DETUDO. SENTÍAMOS  
MUITA FALTA DE  
IR À PRAIA"

Ademilton já tentou criar uma associação de sergipanos para valorizar a cultura do estado, mas nunca conseguiu reunir um número considerável de interessados. Ele acredita que seus conterrâneos preferem migrar para o Rio de Janeiro ou São Paulo. "De vez em quando, encontro um deles por aqui, mas a pessoa sempre está de passagem. Nem as famílias dos parlamentares moram aqui", afirmou.

Pelo menos três vezes ao ano, vai a Aracaju. A família costuma viajar nas férias de verão para lá e sempre têm muito o que fazer. Perto de 140 parentes deles ainda vivem por lá. As épocas preferidas de Ademilton são janeiro e junho, meses das maiores festas do estado. Em janeiro tem o Pré-Caju, um dos maiores carnavais fora de época do país. São seis dias de festa embalados por grandes nomes da música baiana.

Em junho, o forró toma conta de Aracaju e das cidades do interior. Do primeiro ao último dia do mês, milhares de pessoas lotam os shows em comemoração a São João. "Só tem forró mesmo, é proibido tocar outra coisa". Ao final da folia, ele compra quilos de camarão e castanha-de-caju para dar de presente aos amigos brasilienses. A viagem é sempre feita de carro, para não ter problema com excesso de bagagem. Os frutos do mar, ele traz para preparar pratos típicos no apartamento onde mora, em Águas Claras. "Lá é tudo fresco, então o gosto da comida é diferente. Aqui os frutos do mar chegam congelados, o sabor nunca vai ser o mesmo". Apesar da falta que sente da gastronomia e das praias, Aracaju não faz parte dos planos de Ademilton, pelo menos por enquanto. "Hoje é consenso entre a família que ninguém quer sair daqui. Brasília nos dá educação, segurança e oportunidades que não teríamos em outro lugar".